



Universidade de Brasília

FACULDADE UnB PLANALTINA

CIÊNCIAS NATURAIS

**POBREZA MENSTRUAL NO AMBIENTE ESCOLAR:
REFLEXÕES A PARTIR DE UMA FEIRA DE CIÊNCIAS**

AUTOR(A): VANESSA DA COSTA MENDES FERREIRA

ORIENTADOR(A): ANTONIA ADRIANA MOTA ARRAIS

Planaltina - DF

Dezembro, 2023



Universidade de Brasília

FACULDADE UnB PLANALTINA

CIÊNCIAS NATURAIS

**POBREZA MENSTRUAL NO AMBIENTE ESCOLAR:
REFLEXÕES A PARTIR DE UMA FEIRA DE CIÊNCIAS**

AUTOR(A) VANESSA DA COSTA MENDES FERREIRA

ORIENTADOR(A): ANTONIA ADRIANA MOTA ARRAIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora, como exigência parcial para a obtenção de título de Licenciado do Curso de Ciências Naturais, da Faculdade UnB Planaltina, sob a orientação do Prof.(a). ANTONIA ADRIANA MOTA ARRAIS.

Planaltina - DF

Dezembro, 2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado forças e me ajudado a chegar até aqui, apesar das dificuldades encontradas pela minha caminhada de 4,5 anos na Faculdade UnB de Planaltina.

Agradeço a minha família, em especial meu marido Eduardo Ferreira, que me ajudou a não desistir mesmo tendo me tornado mãe ao longo desses anos, me incentivando e cuidando de mim de uma forma impressionante. Cito aqui também meu filho, Henri Leonardo, de apenas 8 meses, eles me fortalecem diariamente e fazem a minha vida feliz.

Agradeço meus pais, Benedito Mendes e Arioneide Mendes, por terem cuidado de mim, fazendo eu não me preocupar com deveres cotidianos, para que eu pudesse me dedicar integralmente à faculdade. Agradeço também às minhas irmãs Brunna Mendes e Andressa Mendes por terem acreditado em mim, nos meus planos e metas. Vocês são todos extraordinários e estão guardados sentimentalmente em meu coração!

Agradeço as minhas amigas da UnB, Isabella Brito e Karine Pereira, por terem deixado as aulas mais leves, os dias na faculdade mais felizes e menos solitários. Agradeço pelo compartilhamento de experiências, pelas risadas, pelos longos dias cansativos, mas que se tornaram bons com vocês.

Agradeço aos professores que estiveram presentes ao longo desses semestres Amanda Marina, André Vitor, Anete Maria, Bernhard Georg, Danilo Arruda, Eduardo Bessa, Elizabeth Maria, Franco de Salles, Irineu Tamaio, Jeane Rotta, Juliana Caixeta, Louise Brandes, Marcelo Bizerril, Paulo Gabriel, Paulo Petrot e Viviane Falcomer.

Agradeço à professora Rosylene Doris, da disciplina de Sistema Educacional Brasileiro (SEB), na qual fui sua monitora por 2 anos consecutivos, posso dizer que aprendi muitas coisas com ela, pessoa de um coração lindo.

Agradeço a minha querida orientadora e professora Antônia Adriana que há 9 anos me fez perceber e me apaixonar pelo mundo da ciência quando me deu aula no 9º ano do Ensino Fundamental. Obrigada pelo incentivo, por as diversas correções, o cuidado e a dedicação comigo, jamais esquecerei de tudo que fez por mim.

Agradeço a toda FUP – Faculdade UnB de Planaltina, por ter me acolhido tão bem, a todos os funcionários por fazerem da universidade um ambiente zelado para os estudos. Enfim, só tenho a agradecer por esses longos quase 5 anos nesse lugar maravilhoso.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1.INTRODUÇÃO..... | 5 |
| 2.REFERENCIAL TEÓRICO..... | 7 |
| 2.1 A educação em sexualidade e o ensino de ciências..... | 7 |
| 2.1.1 A pobreza menstrual no ambiente escolar..... | 8 |
| 2.2 As feiras de ciências como espaços promotores da divulgação científica..... | 9 |
| 3. CAMINHO METODOLÓGICO..... | 10 |
| 3.1 Definição do tipo de pesquisa..... | 10 |
| 3.2 Participantes e contexto | 10 |
| 3.3 Procedimentos e instrumentos de coleta de dados..... | 10 |
| 3.4 Construção, organização e análise dos dados..... | 11 |
| 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO..... | 11 |
| 4.1 A falta de visibilidade da pobreza menstrual..... | 11 |
| 4.2 Experiências dos estudantes em Feiras de Ciências..... | 12 |
| 4.3 Intervenções no ambiente escolar a partir da realização da Feira de Ciências..... | 14 |
| 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 15 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 16 |

POBREZA MENSTRUAL NO AMBIENTE ESCOLAR: REFLEXÕES A PARTIR DE UMA FEIRA DE CIÊNCIAS

Vanessa da Costa Mendes Ferreira¹

RESUMO:

O período menstrual, ou seja, a menstruação é naturalmente biológica, mas para muitas pessoas que menstruam é sinônimo de obstáculos significativos, principalmente, no ambiente escolar. A ocorrência conhecida como pobreza menstrual é caracterizada pela ausência de itens básicos de higiene adequados para utilizar e passar por essa fase de forma digna. Desta forma, foi desenvolvido um projeto sobre esta temática que culminou na sua divulgação no Circuito de Ciências das Escolas Públicas, uma Feira de Ciências. A pesquisa consistiu em investigar as contribuições e as reflexões que surgiram nos estudantes que participaram do evento para a elaboração de ações que estavam diretamente ligadas à temática da pobreza menstrual. Os instrumentos de coleta de dados consistiram em entrevistas semiestruturadas que foram submetidas à Análise Textual Discursiva. Os resultados indicaram reflexões que mediarão a tomada de atitudes, por meio de ações para tentar mudar a realidade, principalmente, no ambiente escolar. Pode-se constatar que as Feiras de Ciências desempenham uma função determinante no desenvolvimento científico e educacional dos estudantes, uma vez que favorecem o interesse pela ciência, o aprendizado de práticas e, principalmente, a conexão com o mundo real, no que se diz a respeito aos problemas cotidianos, como é o caso da pobreza menstrual.

PALAVRAS-CHAVE: Pobreza menstrual. Dignidade Menstrual. Feira de Ciências.

ABSTRACT:

The menstrual period, that is, menstruation is naturally biological, but for many people who menstruate it is synonymous with significant obstacles, especially in the school environment. The occurrence known as menstrual poverty is characterized by the absence of adequate basic hygiene items to use and go through this phase in a dignified way. In this way, a project was developed on this topic that culminated in its dissemination at the Public Schools Science Circuit, a Science Fair. The research consisted of investigating the contributions and reflections that emerged from the students who participated in the event to develop actions that were directly linked to the theme of menstrual poverty. The data collection instruments consisted of semi-structured interviews that were subjected to Discursive Textual Analysis. The results indicated reflections that mediated the taking of attitudes, through actions to try to change reality, mainly in the school environment. It can be seen that Science Fairs play a determining role in the scientific and educational development of students, as they encourage interest in science, learning practices and, mainly, connection with the real world, in terms of respect for everyday problems, such as menstrual poverty.

KEYWORDS: Menstrual poverty. Menstrual Dignity. Science fair.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é dedicado a apresentar um problema com pouca visibilidade que afeta milhares de pessoas que menstruam, a pobreza ou a precariedade menstrual. Pouco discutido e falado, o assunto tem começado a adentrar as escolas. Essa precariedade menstrual impossibilita que essas pessoas façam suas atividades diárias por não terem as mínimas condições de higiene, como protetores menstruais e saneamento básico, por exemplo.

No ano de 2014, a Organização das Nações Unidas (ONU), constatou que o direito que todos que menstruam possuem a itens de higiene é uma questão de saúde pública, estimando que uma a cada dez meninas faltam à escola devido a menstruação (FONSECA, 2021). Não são todas as estudantes que conseguem custear, mensalmente, a compra de protetores menstruais,

além disso, nessa idade, a maioria ainda não trabalha e depende da renda de suas famílias. A falta desses tipos de itens de proteção atinge de forma mais direta a população de baixa renda.

No ambiente escolar, nota-se um atraso no que concerne ao tratamento dessa temática, uma vez que costuma ocorrer nos anos finais do ensino fundamental, porém, nesse período grande parte das estudantes já entrou na puberdade e já menstruaram pela primeira vez (MOREIRA, 2021). Ainda hoje, esse assunto é um tabu quando mencionado no espaço escolar, local este que deveria ter o papel de garantir o estímulo dos estudantes acerca desta temática, na qual a menstruação deixe de ser tratada com estigma e seja discutida abertamente como qualquer outro conteúdo programático.

Além do mais, essa temática, por ser um problema social e político, deve ser vista e dialogada, no ambiente escolar, de forma que todos os estudantes participem sem qualquer tipo de constrangimento, pois é por meio do questionamento desses educandos que ocorrem movimentações de âmbito social e político, garantindo assim mudanças que possibilitem a criação de projetos sociais e aprovações de leis que beneficiem as pessoas que menstruam. Em sua pesquisa, Silva *et al.* (2022, p.15) retrataram a lei criada pela deputada Marília Arraes, que é um grande marco para a luta contra a pobreza menstrual. A Lei nº 14.214/2021, que determina que pessoas em situações de vulnerabilidade garantam acesso a absorventes de forma gratuita, havia sido vetada pelo o Executivo Federal, no governo anterior.

Ao pensar em espaços para a ampliação do debate sobre essa temática, as Feiras de Ciências que, geralmente, ocorrem nas escolas podem ser espaços de divulgação científica que favorecem o estudo da temática, bem como a multiplicação desse assunto para diversos outros setores da comunidade. Segundo Silva *et al.* (2012), nos tempos atuais, tais eventos como as Feiras de Ciências estão se tornando cada vez mais instrumentos pedagógicos que favorecem a ligação de conhecimentos entre a comunidade e a escola. Sendo assim, as feiras não só aproximam os estudantes dessas diversas áreas atuais de conhecimentos, mas também toda a comunidade em que fazem parte, contribuindo assim, com a aprendizagem e levando informações e problemas atuais que são pouco comentados e conhecidos.

Assim, diante do cenário apresentado anteriormente, a problematização da pesquisa versa pelo fato de ser pouco notado o assunto, mesmo mediante ao impacto problemático da pobreza menstrual que afeta muitas pessoas no mundo todo. É um problema social e político ainda muito comum, mas que precisa de maior notoriedade, principalmente, nos espaços escolares.

Por isso, o presente estudo está organizado a partir da seguinte questão: “Quais as reflexões e contribuições que as Feiras de Ciências, especificamente, o Circuito de Ciências das Escolas Públicas, possibilitou aos estudantes para a elaboração de ações, conhecimentos e práticas relacionadas à temática de pobreza menstrual?”

Diante dessa realidade problemática da precariedade menstrual, o objetivo da pesquisa compreendeu investigar as contribuições e as reflexões advindas do Circuito de Ciências das Escolas Públicas para a elaboração de ações, conhecimentos e práticas relacionadas à temática de pobreza menstrual.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A educação em sexualidade e o ensino de ciências

O assunto da sexualidade na educação não é tão recente, tendo em vista que nos anos de 1920 já tinham registros envolvendo a temática. Entretanto, foi nos anos de 1980 que começou o aprofundamento dessa temática. Porém, esse tema não era trabalhado por ser fundamental na vida dos estudantes, mas por verem situações que se tornaram preocupantes na época, como o excesso de adolescentes grávidas e também com o aparecimento da AIDS (Síndrome da Imunodeficiência Humana), doença transmitida pelo vírus HIV, que começou a preocupar os responsáveis e também os profissionais da educação por ser uma ameaça aos jovens, que precisaram mudar formas de vivenciarem a sexualidade (RIBEIRO, 2007).

É por meio do ensino de ciências que os estudantes possuem acesso aos conteúdos científicos, como o funcionamento do corpo humano e a sexualidade. Tais conteúdos programáticos podem ser encontrados na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que é um importante documento com normas para as redes de ensino, é uma forma de referência para que sejam elaboradas as propostas e os currículos escolares com os conteúdos que serão trabalhados na Educação Básica (BRASIL, 2018). Entretanto, é importante pontuar que, se for consultado neste documento, é possível perceber que a sexualidade não é mais trabalhada nos anos iniciais do ensino fundamental, assim atrasando conhecimentos importantes que os estudantes vivenciam no início da puberdade (SARTORI, 2022).

De acordo com Maia *et al.* (2016, p.72), no período da adolescência se vive a sexualidade por meio das transformações que podem ser psicológicas ou físicas, que também vão estar ligadas aos aspectos culturais e sociais, assim, influenciando as emoções e tendo a percepção de seu próprio corpo, ou seja, de si próprio. Essa visão do corpo e de tudo que se percebe e se sente está ligada à sexualidade. Porém, por ser ainda um dos assuntos considerados tabus mediante a sociedade, a sexualidade não é falada de modo natural e aberto, é comum que todos que entram na fase da puberdade tenham dúvidas.

Ainda hoje é difícil ver responsáveis intimamente abertos a terem uma conversa franca e aberta sobre sexualidade e diversos outros assuntos com os filhos mais jovens, seja por acharem que não devem ou por sentirem constrangimento. Os responsáveis acabam transferindo essa responsabilidade para as escolas por se sentirem, de certo modo, despreparados para essa função (MAIA *et al.*, 2016).

Entretanto, tais assuntos que, normalmente, deveriam ser discutidos no ensino de ciências, especialmente no começo da adolescência estão se tornando cada dia mais difíceis de serem abordados abertamente com os estudantes, uma vez que o conservadorismo tenta impedir que a educação sexual seja desenvolvida e trabalhada de forma efetiva nos espaços escolares (ARAÚJO *et al.*, 2019).

2.1.1 A pobreza menstrual no ambiente escolar

A menstruação é um processo natural do corpo das pessoas que menstruam que ocorre todos os meses. É um sangramento mensal e nessa condição, é preciso que indivíduos que menstruam usem de alguns recursos para passarem por esse período com dignidade e bem-estar. Essas temáticas como a menstruação e sexualidade, por exemplo, tendem a serem trabalhadas no ambiente escolar de forma superficial, por ser considerado ainda um tabu. Tão pouco se fala sobre ciclo menstrual, que é difícil pensar que tem pessoas que sofrem com a pobreza menstrual, passam por esse período de forma precária. A precariedade menstrual engloba um conjunto de fatores que são as principais causas para que estudantes abandonem a escola ao iniciar a puberdade e ao menstruarem pela primeira vez, assim, elevando o número da evasão escolar.

Segundo o Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA), juntamente com o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), em seu relatório “A Pobreza Menstrual no Brasil, desigualdades e violações de direitos” (2021), a pobreza menstrual se caracteriza em diversos pontos, tais como:

- a. Falta de itens para cuidados menstruais, como absorventes em geral, coletores menstruais, papel higiênico, entre outros;
- b. Escassez de saneamento básico, ausência de banheiros em bom estado para uso com água encanada;
- c. Falta de remédios para aliviar dores e problemas que surgem no ciclo menstrual;
- d. Tributação sobre os produtos menstruais;
- e. Efeitos danosos da pobreza menstrual no desenvolvimento potencial das mulheres;

Tendo em vista que milhares de estudantes passam por esse tipo de situação com a pobreza menstrual, o ambiente escolar deveria proporcionar a todos uma educação menstrual, aprofundando-se abertamente sobre esse tema tão pouco discutido, mas com interligações questionáveis com políticas públicas.

Em sua pesquisa, Fonseca (2021), menciona que o custo médio de um pacote de absorvente, é de 60 centavos, aproximadamente, por somente um único protetor íntimo. O absorvente não é considerado um item de saúde básica, e sim de um cosmético pela sua taxa tributária. A realidade é ainda triste, principalmente, para pessoas de baixa renda, indivíduos que não possuem apoio de ninguém tem suas dignidades perdidas por não conseguirem manter suas atividades diárias simplesmente por estarem menstruadas, assim, aumentando a evasão escolar.

As próprias escolas são consideradas uma causa da evasão escolar quando se trata da menstruação, visto que, não oferece itens básicos de higiene, como papéis higiênicos em banheiros e redes de saneamento básico, que são essenciais para o período menstrual. De acordo com Moreira (2021), ao apresentar dados da pobreza menstrual no Brasil, é preocupante a situação, principalmente, por ser um local que deveria recepcionar e garantir o bem-estar de todos. Os dados mostram que: 1,24 milhão de meninas, 11,6% do total de alunas, não possuem acesso a papel higiênico em suas escolas e um pouco mais de 30% estudam em locais sem esgotamento sanitário.

Entretanto, não é possível culpabilizar apenas a escola, principalmente as públicas, pelo não fornecimento desses itens de higiene, uma vez que essa situação exige a edificação de políticas públicas que visem reduzir e/ou sanar tal problemática. Frente a essa necessidade, é importante salientar um marco importante que ocorreu, precisamente no Dia Internacional da Mulher, no qual foi assinado um decreto pelo atual Presidente da República, que busca assegurar a oferta de absorventes pelo SUS (Sistema Único de Saúde). O documento prevê a criação do Programa de Proteção e Promoção da Dignidade Menstrual, beneficiando diretamente a população de baixa renda (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2023).

Assim, o Ministério da Saúde irá comprar e distribuí-los de forma que garanta o benefício a 8 milhões de pessoas que menstruam. Desta forma, garantindo direito à vida escolar, carreira profissional e tudo que tenham direito de fazer com a devida dignidade (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2023).

2.2 As Feiras de Ciências como espaços promotores da divulgação científica

As Feiras de Ciências são espaços promotores de comunicação e divulgação da cultura científica reconhecidas pela comunidade. Essas feiras têm como objetivo proporcionar ao estudante um estímulo que motive e encontre caminhos para a construção e a compreensão do conhecimento científico. Ademais, esses eventos possuem importância, visto que, a ciência é levada da escola para a sociedade fazendo com que contribua para a difusão da cultura científica (MENEZES, 2019). Esse tipo de espaço promotor de conhecimento expande os tipos de informações que, normalmente, não são tão comuns de dialogar cotidianamente, mesmo sendo consideradas problemas mundiais, como a pobreza menstrual, por exemplo.

Segundo Barcelos (2010), as Feiras de Ciências passaram a ser um indício da escola inovadora, com a abertura desses tipos de espaços que mostram que os estudantes são capazes de aprenderem fora da escola, principalmente, quando utilizam espaços públicos de interação com a comunidade, assim, podendo compartilhar conhecimentos que proporcionariam a multiplicação de informações acerca de qualquer temática científica. Ainda, de acordo com Santos *et al.* (2020), o estudo da ciência oferece grandes transformações para a sociedade, pois ela muda frequentemente, o que hoje é uma novidade, amanhã pode deixar de ser, deixando claro que é dinâmico o tempo nesse mundo científico. O ensino e o percurso científico devem estar sempre em sintonia. Desta forma, o ensino e a escola devem ser influenciados pelo conhecimento científico, possibilitando ao estudante criar atitudes críticas diante a realidade social proveniente de tantos problemas que são tratados de formas insignificantes.

A Feira de Ciências é um dos eventos escolares mais comuns, tendo em vista desperta a atenção dos estudantes e da sociedade em geral pela ciência. Por meio das feiras, é possível um melhor entendimento dos assuntos que são vistos dentro da sala de aula, pois costuma ser abordado de outra forma, na qual se torna interessante também para os visitantes, transformando a comunicação da informação em um aprendizado significativo para ambos (SILVA *et al.* 2012).

Nesse sentido, cabe salientar que as Feiras de Ciências podem ser instrumentos de difusão que permitem com que temáticas que ainda são consideradas tabus, como o caso da pobreza menstrual, possam ser divulgadas e a sua discussão ampliada para outros setores da sociedade

favorecendo que estas sejam vistas como assunto que necessitam de políticas públicas específicas.

3. CAMINHO METODOLÓGICO

O caminho metodológico delineado na pesquisa para que esteja de acordo com o objetivo transcorreu em razão da metodologia qualitativa, uma vez que se baseia no recolhimento de informações e compreensões mais detalhadas sobre a temática da pobreza menstrual, principalmente no ambiente escolar, sem se preocupar com dados numéricos.

3.1 Definição do tipo de pesquisa

A pesquisa é de cunho qualitativo, visto que examinará evidências não quantitativas para melhor entender o problema recorrente da pobreza menstrual. De acordo com Minayo (2008, p. 57):

O método qualitativo é adequado aos estudos da história, das representações e crenças, das relações, das percepções e opiniões, ou seja, dos produtos das interpretações que os humanos fazem durante suas vidas, da forma como constroem seus artefatos materiais e a si mesmos, sentem e pensam.

3.2 Participantes e contexto

A pesquisa foi desenvolvida tendo como público-alvo três estudantes do ensino fundamental, anos finais, de uma escola pública de Planaltina, localizada na zona urbana, no Distrito Federal (DF). Os participantes atuaram no Circuito de Ciências das Escolas Públicas do DF, no ano de 2022. Tal projeto tinha como objetivo geral dar visibilidade a temática da precariedade menstrual.

3.3 Procedimentos e instrumentos de coleta de dados

Com os estudantes selecionados, foram cumpridas algumas etapas para concretização da pesquisa:

a) Deslocamento para a escola selecionada para a entrega do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para os participantes da pesquisa, ou seja, os estudantes que participaram da apresentação do projeto da pobreza menstrual da Feira de Ciências;

b) Realização de entrevista semiestruturada. As questões versaram nos seguintes apontamentos:

1. Antes do Circuito de Ciências você já havia participado de alguma Feira de Ciências? Se sim, como foi?
2. Antes da Feira de Ciências, você já tinha escutado falar sobre pobreza menstrual?
3. Como a pobreza menstrual contribuiu para o seu conhecimento e para a sua vida?

4. Como foi o processo do projeto e quais ações desenvolveram?
5. Quais as reflexões e contribuições após estudar e divulgar o assunto na Feira de Ciências?
6. Que tipo de ações você acredita que poderiam ser tomadas para tentar resolver esse problema tão recorrente no ambiente escolar?

Cabe ressaltar que esse tipo de entrevista é fundamental quando precisa-se ter o mapeamento de hábitos, doutrinas, normas e conjuntos classificados por uma sociedade específica, com delimitação, em que os problemas não estejam explicitados ou claros (DUARTE, 2004).

3.4 Construção, organização e análise dos dados

Os dados das entrevistas foram transcritos e submetidos a Análise Textual Discursiva (ATD). Para Moraes e Galiazzi (2006, p. 118):

A análise textual discursiva tem no exercício da escrita seu fundamento enquanto ferramenta mediadora na produção de significados e por isso, em processos recursivos, a análise se desloca do empírico para a abstração teórica, que só pode ser alcançada se o pesquisador fizer um movimento intenso de interpretação e produção de argumentos. Este processo todo gera meta-textos analíticos que irão compor os textos interpretativos.

Segundo Moraes *et al.* (2006), o processo da ATD inicia-se com a unitarização. Nessa etapa, os textos oriundos das entrevistas foram separados em unidades de significado que se articulavam com o propósito da pesquisa. Após o processo de unitarização, ocorreu a categorização, que é a reunião das unidades dos significados que se assemelham. Por fim, houve a construção do metatexto que, de acordo com Neves *et al.* (2015), necessita de um aperfeiçoamento e organização constante, visto que é um processo de compreensão e interpretação da temática investigada.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados e a discussão deste estudo serão apresentados no formato de metatexto, conforme a proposta estabelecida pela ATD (MORAES; GALIAZZI, 2006). Tal metatexto é composto por três categorias intermediárias. Nestas categorias são compartilhadas as vivências dos estudantes que participaram do projeto na Feira de Ciências sobre a pobreza menstrual, compostas por unidades de significado que estão articuladas ao referencial teórico utilizado na pesquisa. Tais categorias obtidas foram: A falta de visibilidade da pobreza menstrual; Experiências dos estudantes em Feiras de Ciências e Intervenções no ambiente escolar a partir da realização da Feira de Ciências:

4.1 A falta de visibilidade da pobreza menstrual

Segundo Patriota *et al.* (2023), a transição que a pessoa que menstrua passa da infância para a adolescência é marcada pelo sangramento mensal, no caso a menstruação, e muitas vezes traz consigo o rastro da pobreza extrema quando não se tem condições materiais mínimas para

lidar com esse período, ou seja, não tem como comprar itens de higiene, como absorventes, por exemplo.

Dessa forma, de acordo com as unidades de significado obtidas, é possível notar que aqueles estudantes que participaram do projeto da Feira de Ciências com o tema “Pobreza menstrual” refletiram e puderam perceber essa precariedade menstrual como um problema, visto que há uma infinidade de pessoas que não tem acesso nenhum a itens de higiene que lhes ajudariam nesse período menstrual e que é um problema real e pouco comentado.

De acordo com o que foi retratado, as seguintes unidades de significado (**EST2.1** e **EST3.1**) coadunam com essa questão, ao elucidarem essa mesma condição para passar pelo período menstrual:

“Muitas pessoas não conseguem ter acesso aos absorventes.” EST2.1

“Nem todo mundo tem condição de passar pelo período menstrual.” EST3.1

Com eventos como as Feiras de Ciências que envolvem a divulgação científica, os discentes que participam, normalmente, se apropriam e se aprofundam no estudo, e assim percebem que o tema é algo que acontece de uma forma tão comum na atualidade, mas que ainda é tratado com pouca visibilidade. Cabe salientar que não somente os estudantes, mas também o público que participa dessas feiras que, por ventura, podem não saber a definição e do que se trata a temática, e a partir dessa experiência poderá se aprofundar no assunto e notar como essa situação impacta na vida das pessoas.

Com isso, no que tange à apresentação do projeto no Circuito de Ciências, pode-se notar, na percepção dos estudantes que alguns participantes chegaram leigos à feira de ciências, sem ter ideia do que se tratava o assunto. Tal situação pode ser visualizada na seguinte unidade de significado (**EST3.6**):

“Eu fiquei pensando se as pessoas iam levar isso para a vida delas, pessoas chegavam lá e não sabiam o que era.” EST3.6

De acordo com Cassimiro *et al.* (2022), mesmo sendo um período que é relacionado a reprodução, ou seja, um período biológico, continua sendo um tabu, uma vez que até mesmo para pedir um absorvente emprestado, fala-se sussurrando com vergonha. É preocupante a quantidade de pessoas que não sabem da existência e da definição da pobreza menstrual, mesmo sendo algo recorrente e próximo a elas, visto que ocorre todo mês com as pessoas que menstruam, podendo trazer consequências negativas para a autoestima, a saúde e até mesmo para a participação social pela falta de itens básicos.

Moreira (2021) afirma que a saúde emocional também é atingida com a falta produtos de higiene menstrual, pois causa um grande desconforto pelo vazamento de sangue. Sabe-se que a falta de itens do tipo absorvente no período menstrual atrapalha as ações no cotidiano dessas pessoas que menstruam, prejudicando a dignidade delas.

4.2 Experiências dos estudantes em Feiras de Ciências

De acordo com Gallon *et al.* (2019), a caracterização das Feiras de Ciências se dá como eventos voltados para a comunidade em que os estudantes que estão apresentando, validam suas ideias e trazem consigo argumentos sobre determinados temas. Essas atuações nesses eventos científicos proporcionam mudanças naqueles estudantes que participam, uma vez se tem a apropriação de conhecimentos por estarem aptos a novas aprendizagens, além do aprimoramento da capacidade de se comunicar, auxiliando no avanço da habilidade de argumentação.

Entretanto, apesar das Feiras de Ciências serem importantes para a contribuição do avanço no fazer e no divulgar ciência, muitos estudantes perpassam a educação básica sem a experiência de participarem desses eventos científicos ou de pouco atuarem nesses eventos, como pode ser analisado nas seguintes unidades de significado **EST1, EST3 e EST2**:

“Nunca havia participado antes.” EST1

“Não, nunca tinha participado.” EST3

“Já havia participado de outro circuito de ciências, que ocorreu em 2017, ficamos em segundo lugar.” EST2

A falta de participação nas Feiras de Ciências pode ter resultados negativos como perdas de oportunidades educacionais e de impacto no desenvolvimento para os estudantes. É de extrema importância que todos passem por essa experiência e participem diretamente de eventos como esse do Circuito. São tantos problemas que podem ser estudados e explorados, levando ao aumento da conexão com a realidade, como esse problema da precariedade menstrual, que não é muito comentado, mas que pode ser levado de forma dinâmica para a comunidade.

No que tange especificamente ao problema da pobreza menstrual, Belchior *et al.* (2021) afirmam que não se tem como controlar a menstruação, então pessoas que menstruam, abdicam das suas atividades cotidianas, afetando assim, a saúde física e psíquica, e prejudicando a vida dessas pessoas, especificamente, dos estudantes que deixam de ir à escola, podendo interferir no seu desempenho escolar. Com isso, no domínio desta investigação, identificar e explorar as unidades de significados (**EST3.4 e EST2.4**) tornou-se necessário para compreender mais profundamente exatamente o que foi discutido nesse parágrafo:

“Não deveria ser tão comum como é, as mulheres não têm condições de passar por isso.” EST3.4

“Não achava que eram tantas pessoas, mundialmente, que até faltavam aula por causa disso.” EST2.4

As pessoas não costumam ver assuntos como esses em muitos lugares, como palestras ou reuniões no dia a dia. Com isso, as políticas públicas têm papel crucial nesse problema global, promovendo a saúde menstrual, o bem-estar e a passagem por esse período de forma digna, bem como implementar programas que forneçam para essas pessoas que menstruam, itens que tragam benefícios mediante ao prejuízo que já sofrem nesses ciclos. Dessa forma, salienta-se que as Feiras de Ciências podem trazer grandes contribuições para os estudantes,

desempenhando um papel muito importante para o desenvolvimento científico, acadêmico e até mesmo pessoal, pois estimula a curiosidade científica e faz com que pesquisem e se informem sobre determinados assuntos, no caso, sobre a temática da pobreza menstrual. Ou seja, existem muitos aspectos positivos que estão relacionados, especialmente, a esses eventos científicos que capacitam esses indivíduos a fazerem a divulgação por meio de apresentações ao público.

Para Gallon *et al.* (2019), participar de Feiras de Ciências pode ser uma ótima oportunidade para o compartilhamento de seus conhecimentos com seus colegas, professores e comunidade, assim, proporcionando-lhes informações nunca vistas e aumentando os seus interesses por atividades científicas. Dessa forma, pode ocorrer o desenvolvimento de processos científicos, uma vez que começam a questionar e avançam nas habilidades comunicativas, preparando-lhes para o exercício da vida profissional e social.

Além do mais, torna-se gratificante para aqueles que participam, compartilhar com o público o conhecimento adquirido, como pode ser visualizado nas seguintes unidades de significado (**EST1.4**, **EST2.5** e **EST3.5**):

“A gente vendo nosso trabalho sendo reconhecido foi muito bom.” EST1.4

“Aprendi muitas coisas.” EST2.5

“Foi muito legal, a gente ensaiou juntos, a gente pesquisou sobre e conseguimos enfeitar bem o nosso estande.” EST3.5

Para além dos pontos positivos já evidenciados, é crucial salientar que as Feiras de Ciências também podem ser consideradas um instrumento de transformação social, tendo em vista que modificam a forma de se ver o mundo e tudo que acontece nele. São experiências únicas e diferentes para cada um, um exemplo disso é a unidade de significado (**EST1.2**) que explicita que:

“Contribuiu de uma forma bem construtiva, por saber que podemos ajudar e fazer a diferença.” EST1.2

É exatamente esse tipo de pensamento que surge com essas participações, mudam a visão do estudante mediante ao mundo e percebem que eventos como esses são importantes para a transformação social, na qual as pessoas se interessem em ajudar o próximo que passa por situações complicadas. Com isso, abordar esse assunto não é algo somente urgente na sociedade, mas também uma oportunidade de fazer a diferença, criando ambientes inclusivos que podem dar suporte para aqueles que não tem as mínimas condições básicas adequadas. Ao enfrentar essa situação de forma aberta se obtém a contribuição não apenas para as pessoas que menstruam, mas para também avançar socialmente de forma empática.

4.3 Intervenções no ambiente escolar a partir da realização da Feira de Ciências

A participação na Feira de Ciências pode mudar as reflexões dos estudantes a respeito da realidade em que se encontram. Com a busca por pesquisas e conhecimentos acerca da pobreza menstrual, os discentes conheceram com profundidade sobre essa temática impactante,

principalmente, nos ambientes escolares, onde passam parte de seus dias e esse problema passa despercebido.

Pessoas que menstruam enfrentam dificuldades com a falta de acesso a itens de higiene, como absorventes para passarem o período menstrual de forma digna. E a partir das informações adquiridas sobre essa precariedade, conseguiram perceber que grande parte da pobreza menstrual está bem mais próxima do que imaginavam, no ambiente escolar, por exemplo. Com isso, os estudantes conseguiram traçar possibilidades de intervenções acerca do problema, exatamente por terem experienciado de perto isso, por meio dos estudos e pesquisas que fizeram para o evento científico.

Segundo Gallon *et al.* (2019), os projetos estão sendo realizados cada vez mais voltados para os problemas locais, para os grupos sociais que emergem na região. Os estudantes estão interessados em compartilhar novos conhecimentos para o público, ou seja, contribuir positivamente para a construção de uma sociedade bem informada e ativa a fim de mudar o cenário.

Dentro do propósito desta categoria, destacam-se as unidades de significados (**EST1.3, EST3.3, EST2.2 e EST2.3**) que relatam as intervenções feitas por eles na escola:

“Tínhamos feito uma caixa de absorventes, deixado no banheiro feminino, que também foi apresentado no circuito de ciências.” EST1.3

“A gente fez, colocar uma caixa no banheiro das meninas que seria a base de doação, quem pudesse colocar lá colocava, quem precisasse, pegava.” EST3.3

“Criaram o grupo das meninas em que saíram entrevistando cada turma. E assim descobriram que muitas não tinham acesso a absorventes.” EST2.2

“Nós desenvolvemos esse projeto por causa que na escola, onde estudávamos estava tendo muitos casos de meninas que passavam dificuldades e que tinham vergonha de falar.” EST2.3

Quando se desenvolve projetos centralizados na pobreza menstrual não está buscando somente amenizar as dificuldades que as pessoas que menstruam passam, mas enfrentar também estigmas associados à menstruação. Os projetos realizados no ambiente escolar buscam abranger informações sobre a questão da saúde menstrual, capacitando assim, a comunidade a fazer tomadas de decisões assertivas e empáticas.

Como descrito nas unidades de significado (**EST1.3, EST3.3, EST2.2 e EST2.3**), projetos que distribuem itens menstruais, como absorventes, ajudariam significativamente essas pessoas, garantindo o bem-estar, desempenhando assim, uma função crucial para construir uma sociedade justa, onde todos que precisam tenham acesso aos recursos menstruais de forma digna.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa desenvolvida buscou investigar quais foram as contribuições e as reflexões que foram desenvolvidas a partir da participação dos estudantes na da Feira de Ciências e quais ações e práticas foram elaboradas relacionadas a partir da temática de pobreza menstrual. Dessa

forma, notou-se que o Circuito de Ciências funcionou como um palco dinâmico que proporcionou um espaço de troca de ideias e diálogo entre estudantes, comunidade e educadores, trazendo à tona os desafios e barreiras no que se diz respeito à pobreza menstrual. Por meio da Feira de Ciências, ao unir conhecimentos, esforços e discussões, os educandos se sensibilizaram para o quão urgente é essa questão, estimulando assim, reflexões profundas.

As reflexões advindas do Circuito de Ciências foram fundamentais para elaborarem ações na perspectiva da pobreza menstrual. A partir disso, os estudantes conheceram sobre a temática, se aprofundaram e pesquisaram sobre o assunto, proporcionando de forma dinâmica e interativa o contato com o público da comunidade que estava interessado em novas informações. O evento não ficou somente na forma teórica, mas prática também, por meio das intervenções desenvolvidas e ideias que foram construídas alicerçadas na Feira de Ciências. A citar o exemplo da caixa com absorventes no banheiro feminino, criada pelos estudantes que participaram da Feira, na intenção de fornecer itens para aquelas pessoas que mais precisavam.

Ao analisar todo o processo do Circuito de Ciências, desde investigar inicialmente até as ações que resultaram, é evidente que esse evento proporciona um ambiente fértil para o desenvolvimento de soluções no que tange à pobreza menstrual. Dessa forma, as reflexões e as contribuições resultantes do Circuito de Ciências não só deixaram claro a importância de abordar essa temática no ambiente escolar, mas fornecem subsídios teóricos e metodológicos que poderão inspirar futuros projetos e iniciativas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Vinícius Gurgel; LARA, Caio Augusto Souza. A Mordalha Do Conservadorismo: Violação De Direitos E Educação Sexual No Brasil. **Percorso**, v. 3, n. 30, p. 151-154, 2019.

BARCELOS, Nora Ney Santos; JACOBUCCI, Giuliano Buzá; JACOBUCCI, Daniela Franco Carvalho. Quando o cotidiano pede espaço na escola, o projeto da feira de ciências "Vida em Sociedade" se concretiza. **Ciência & Educação (Bauru)**, v. 16, p. 215-233, 2010.

BELCHIOR, Alice Carneiro Barbosa Mendonça Limeira; CAMPOS, Geovana Pinto; ANTERO, Henrique Barreira; AMORIM, Maria Cecília Alencar. Pobreza Menstrual Como Fator De Risco Para Desempenho Escolar Insuficiente: Uma Revisão Narrativa De Literatura. **Revista Eletrônica de Iniciação Científica III**. 2021.

BEZERRA, Bruna Caroline de Almeida. Pobreza menstrual: expressão da questão social. **Faculdade Unidade de Campinas-FacUNICAMPS**, 2021.

BEZERRA, Patriota Elizabete; LEITE, Machado de Amorim Vilma; SANTOS, Karyane Neal de Oliveira; SANTOS, Bomfim de França; BATISTA, Pereira Jesane. (In)Dignidade Menstrual: A Face Feminina Da Pobreza. *Pobreza. Interfaces Científicas - Humanas E Sociais*, 10(1), 255–270, 2023.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil: D.O. 5 de outubro de 1988. Disponível em: www.mec.gov.br/legis/default.shtm. Acesso em: 10 mar. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CASSIMIRO, João Carlos; CRUZ, Bruna Caroline; MOREIRA, Caroline Borges; dos SANTOS, Maria CT; PEIXOTO, Marisa Costa. Desafios no combate à pobreza menstrual: uma revisão integrativa / Desafios no combate à pobreza menstrual: uma revisão integrativa. **Revista Brasileira de Revisão de Saúde**, 5 (2), 5181–5193, 2022.

CAVALCANTE, Isabela; SANTOS, Vitor. A Pobreza Menstrual como fator impeditivo na promoção de uma Educação de qualidade no Brasil. **Juventude. br**, v. 20, n. 1, 2022.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar em revista**, n. 24, p. 213-225, 2004.

FONSECA, Camila Guimarães da. Dignidade menstrual: um documentário sobre pobreza menstrual. Universidade Positivo **TCC (Graduação)- Jornalismo**, 2021.

MAIA, Tatiana Quaglioz; SOARES, Larissa Oliveira; VALLE, Patrícia; MEDEIROS, Victoria. Educação para sexualidade de adolescentes: experiência de graduandas. **Nexus-Revista de Extensão do IFAM**, v. 2, n. 2, p. 71-78, 2016.

MENEZES, Bruno Ferreira. **Feira de ciências: para além dos muros e saberes da escola**. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Ciências da Natureza) - Instituto de Química, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. Análise textual discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces. **Ciência & Educação (Bauru)**, v. 12, p. 117-128, 2006.

MOREIRA, Luisa Prado Afonso. **Pobreza menstrual no Brasil: diagnóstico e alternativas**. 2021. Tese de Doutorado. Orientador: Fernando Luiz Abrucio, 2021. 31f. 2021.SÃO PAULO. Acesso em: 11 nov. 2023.

PEDRUZZI, Alana das Neves; SCHMIDT, Elisabeth Brandão; GALIAZZI, Maria do Carmo; PODEWILS, Tamires Lopes. Análise Textual Discursiva: os movimentos da metodologia de pesquisa. **Atos de Pesquisa em Educação**, v. 10, n. 2, p. 584-604, set. 2015. ISSN 1809-0354.

RIBEIRO, Marcos; REIS, Wagner. Educação sexual: o trabalho com crianças e adolescentes. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, v. 18, n. 2, 2007.

SANTOS, Carolina Costa. Pobreza Menstrual No Brasil Desigualdades e Violações De Direitos. Fundo de Populações das Nações Unidas (UNFPA). 2021.

SANTOS, Simone Cabral Marinho; SOUSA, José Raul; LIMA FONTES, Alvanisa Lopes. Protagonismo estudantil em feira de ciências na escola. **Revista Educação & Formação**, v. 5, n. 3, p. e2151, 2020.

SARTORI, Thiago Luiz. Análise da educação brasileira em face ao estudo da sexualidade: Marginalização da educação sexual na BNCC. **DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, p. e022001-e022001, 2022.

SILVA, Gabriel EB; SILVA, Geovani; FILHO, Luiz; CORREA, Marco; SAMPAIO, Maria; LIMA, Thaís; BRANCO, Mônica; PINHO, Gabriela. A importância da Feira de Ciências na formação do aluno. XVI ENEQ/X EDUQUI, 2012.

SILVA, João Victor Ferreira da; LOPES, Yoanna Danielly Victor. A pobreza menstrual como fator de violação de direitos humanos: um olhar para adolescentes em ambiente escolar. **Repositório Universitário da Ânima (RUNA)**, 2022.